



ISSN N. 2595-7341

Vol. 5, N. 03, Set-Dez, 2022

DOI: <https://doi.org/10.20873/FEIRAMIRACEMA>

COTIDIANO DAS MULHERES NA FEIRA LIVRE DE MIRACEMA DO TOCANTINS: ENTRE VIVÊNCIAS, SABERES E FAZERES

DAILY LIFE OF WOMEN AT THE MIRACEMA DO TOCANTINS FREE FAIR: BETWEEN EXPERIENCES, KNOWLEDGE, AND DOINGS

EL COTIDIANO DE LAS MUJERES EN LA FERIA LIBRE DE MIRACEMA DO TOCANTINS: ENTRE EXPERIENCIAS, SABERES Y HACER

Judite Sousa de Almeida¹

Mariléa Borges Salvador²

RESUMO: O artigo aborda o cotidiano da mulher feirante da feira livre de Miracema do Tocantins no contexto das relações socioeconômicas e socioculturais e do pressuposto do cotidiano como movimento sociohistórico capitalista de dominação, sobretudo, da classe trabalhadora. Nessa perspectiva, se construiu uma pesquisa de fundamentação crítico-dialética, participante, com aparato metodológico da pesquisa bibliográfica e executada pelas técnicas da observação participante e entrevista não-diretiva com mulheres feirantes. Após a sistematização e análise dos dados coletados, se concluiu que na feira as mulheres constroem sua realidade social de condições materiais e subjetivas de vida, satisfação das necessidades básicas, renda familiar e bem-estar social.

Palavras-chave: Cotidiano. Mulheres. Feira livre.

ABSTRACT: The article discusses the daily life of the women in the Miracema do Tocantins street market in the context of socioeconomic and sociocultural relations and the assumption of everyday life as a capitalist sociohistorical movement of domination, above all, of the working class. From this perspective, a critical-dialectical, participatory research was built, with the methodological apparatus of bibliographical research and carried out by the techniques of participant observation and non-directive interview with women marketers. After the systematization and analysis of the collected data, it was concluded that at the fair women build their social reality from material and subjective conditions of life, satisfaction of basic needs, family income and social well-being.

KEYWORDS: Daily life. Woman. Marketer.

¹ Assistente Social (UFT)

² Doutora em Serviço Social, docente do Curso de Serviço Social – Graduação e Pós-graduação, Lato e Stricto Sensu/Campus de Miracema/UFT.

RESUMEN: El artículo discute el cotidiano de las mujeres del mercadillo Miracema do Tocantins en el contexto de las relaciones socioeconómicas y socioculturales y la asunción del cotidiano como movimiento sociohistórico capitalista de dominación, sobre todo, de la clase obrera. Desde esta perspectiva, se construyó una investigación crítico-dialéctica, participativa, con el aparato metodológico de la investigación bibliográfica y realizada mediante las técnicas de observación participante y entrevista no directiva con mujeres comercializadoras. Luego de la sistematización y análisis de los datos recolectados, se concluyó que en la feria las mujeres construyen su realidad social a partir de condiciones materiales y subjetivas de vida, satisfacción de necesidades básicas, ingresos familiares y bienestar social.

PALABRAS CLAVE: Vida cotidiana. Mujeres. Feria libre.

INTRODUÇÃO

Apresenta-se, neste artigo, uma perspectiva da articulação do tripé curricular de ensino, extensão e pesquisa na formação acadêmica e profissional do Assistente Social, que iniciou na disciplina de Análise da Realidade com suas atividades teórico-práticas, quando optamos por fazer a leitura da realidade social das mulheres feirantes, e finalizou como pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso de Serviço Social, na Universidade Federal do Tocantins.

Fundamentado nas reflexões sobre o cotidiano teorizadas no livro *Cotidiano: Conhecimento e crítica* (1996), de Paulo Netto e Maria do Carmo Carvalho, o artigo traz a caracterização do cotidiano da mulher feirante, socialmente construído na feira de Miracema do Tocantins.

Apoiados em Lefebvre (1981), Heller (1972) e Lucács, Paulo Netto e Carvalho expõem suas análises críticas sobre o cotidiano, compreendido como espaço de dominação e de reprodução social. Partem, os autores, do pressuposto que o cotidiano tem função de formação social na organização da relação entre indivíduo e sociedade, gestada pelo Estado e desenvolvida nas relações sociais. Ou seja, não há vida social sem o cotidiano.

Para Carvalho (1996, p 24), “o cotidiano é a vida de todos os dias e de todos os homens em qualquer época histórica que possamos analisar. Não existe vida humana sem o cotidiano e a cotidianidade”, considerando, assim, que todos os âmbitos da vida social e seus afazeres estão presentes no cotidiano.

De diferenciadas formas, o cotidiano tem suas especificidades sociais, marcadas pela história, tal qual a sociabilidade burguesa com suas desigualdades sociais processadas nas alterações de conjuntura, conforme as relações sociais e de produção se modificam. De modo igual “a vivência e experiência da cotidianidade também é diferenciável segundo os grupos ou classes sociais a que os indivíduos pertencem e em cada modelo societário existente”, argumenta Carvalho (1996, p. 24).

Com Lefebvre (1981), Carvalho (1996) postula o cotidiano como espaço de realização das relações sociais, gerenciado pelo Estado e pelo capital, com caráter de dominação, reprodução e regulação dos grandes conflitos sociais e das situações organizadoras da sociedade. Por isso o cotidiano necessita de mediações para conduzir a realização do processo de dominação de classes, instituídas nas relações de classe social, sendo a classe social mais apropriada para sustentar o processo de mediação a pequena burguesia influenciada pela ideologia dominante.

Com Heller (1972), Carvalho (1996) mostra que a vida cotidiana tem uma natureza superficial, organizada de forma hierárquica e heterogênea e modificada, “seja em função dos valores de uma dada época histórica, seja em função das particularidades e interesses de cada indivíduo e nas diferentes etapas de sua vida”, complementa Carvalho (1996, p. 25), possibilitando o distanciamento do cotidiano, pelo homem completamente envolto nas amarras alienantes das relações que perfazem a vida cotidiana.

Centrado nos escritos de Lukács sobre a ontologia do ser social, cuja pesquisa se inicia com a reflexão sobre o cotidiano, Paulo Netto (1996, p. 66) observa que “na ótica lukacsiana, a vida cotidiana é insuprimível. Não há sociedade sem cotidianidade, não há homem sem vida cotidiana”. A vida cotidiana é o tecido da história do homem e da vida social do ser social e possui determinações fundamentais, quais sejam a heterogeneidade, a imediatividade e a superficialidade, o que possibilita o estudo de qualquer dado de realidade.

A pesquisa-extensão foi realizada na feira da “cidade baixa”, de Miracema do Tocantins. No contato direto e dialogal entre pesquisador e as mulheres feirantes,

fez-se a leitura e interpretação do movimento cotidiano da feira com sua riqueza de relações sociais, contextos e seus sujeitos singulares de mercados abertos, com suas manifestações e definições distintas, cuja sistematização apresentamos, em seguida.

A FEIRA LIVRE E COBERTA DE MIRACEMA DO TOCANTINS

Origem da feira

A criação da feira coberta de Miracema do Tocantins, denominada de *José Corda Bié*, remonta à década de 1990, durante o mandato do Prefeito Boanerges Moreira de Paula, quando um grupo de agricultores e agricultoras já se fazia presente, há anos, em todos os domingos no centro da cidade, insistindo na instalação de um lugar que pudessem comercializar seus produtos.

Entre os agricultores comerciantes ambulantes estava o Sr. José Bié, morador de uma tradicional comunidade quilombola no município. Conta a população que este senhor era uma espécie de “guru” na cidade, pois oferecia ajuda espiritual a muitas pessoas que o procuravam sistematicamente. Ele benzia, fazia orações, recomendava remédios feitos de ervas e chegou a salvar muitas vidas.

A feira José Bié, foi um sucesso desde a sua fundação, quando o município havia se tornado a capital do Estado do Tocantins que passou a contar com uma produtiva feira aos domingos, localizada na “cidade baixa”.

Na época, a cidade já se dividia em duas grandes áreas urbanas, chamadas de “cidade alta” e “cidade baixa”. A população do “alto” também reivindicou a feira no seu local de moradia, levando a Prefeitura Municipal instalar a “feira do alto”, com funcionamento aos sábados. A partir de então, nos primeiros anos de 1990, Miracema passou a contar com sua feira municipal, em dois dias consecutivos de final de semana e em bairros equidistantes.

A criação da feira foi “motivo de muita alegria, para nós produtores de chácaras e fazendas” (sic), diz uma feirante. “A gente plantava, criava, produzia, mas vivia sem ter onde vender” (sic), disse outra. Por isso, na feira, encontra-se uma amplitude de mercadorias, tais como verduras e legumes, frutas, carnes de origem

suína, caprina, bovina e aviária, roupas, sandálias, remédios caseiros, artesanatos, dentre outros, além da diversidade manifesta entre aqueles que a vivenciam. Vivência que possibilita o encontro e a partilha de experiências de valores materiais e subjetivos, haja vista que a compra, venda e troca de mercadorias também podem fomentar sentimentos de confiança, reciprocidade e amizade, perspectiva de relação social solidária, que dado o processo de superacumulação, acaba por ser um aspecto de resistência à lógica societária atual e hegemônica do capital.

ORGANIZAÇÃO ATUAL DO COTIDIANO DA FEIRA

Quando instalada, mesmo em prédio novo e exclusivo, a feira de Miracema funcionava de forma rudimentar, mas, logo, se tornou o principal centro de abastecimento e compra de produtos de primeira necessidade, principalmente dos grupos populares, porque as famílias burguesas da cidade mantinham relações comerciais com Goiânia, centro urbano mais próximo.

Logo a feira se popularizou, passando a ser frequentada por todos, de todas as classes sociais da cidade, e vivenciada também como mercado de gêneros alimentícios, próprios de supermercado, nos boxes especialmente construídos para o comércio varejista de não perecíveis, sistematicamente fiscalizado e logisticamente apoiado pelo poder público, sobretudo nos dias em que a feira funciona.

Nos dias de labor, às 6 horas da manhã começam a chegar os consumidores, a maioria admiradores da feira, amigos de feirantes e acostumados em frequentar aquele lugar de liberdade saudável, cujas representações perpassam a ideia de desenvolvimento, de sucesso, de trabalho árduo, mas gratificante, de acesso a produtos alimentícios saudáveis, ao peixe fresco, à carne fresca e, principalmente, a satisfação de compartilhar um café da manhã, de pastel quentinho ou uma tapioca com manteiga, tudo preparado na hora, com aquele café moído naturalmente em casa, totalmente orgânico. É o momento de se desfrutar das boas amizades e de comida saudável, feita com cuidado, como se estivesse acontecendo uma festa.

Com esta feição, a feira de Miracema também é um lugar cheio de sons, movimentos e cheiros, de indivíduos heterogêneos que dividem o espaço e estabelecem relações que vão além da questão técnica-comercial de venda e compra, pois nessa relação tornam-se próximos. A feira livre também se tornou um lugar da informalidade, descontração, da familiaridade, ou seja, o lugar do vivido, pois através de uma experiência profunda e imediata, o lugar adquire um papel central através do qual se articulam as experiências e vivências no espaço, como veremos adiante nas declarações das feirantes.

A feira inicia às 4 horas da manhã, quando os/as feirantes que vivem nos territórios mais longínquos começam a chegar, sendo a maioria ambulantes que vêm da zona rural tentar a comercialização de seus produtos, identificando, assim ser a feira como um forte elo entre o campo e a cidade. Depois chegam os/as ambulantes que moram na cidade. Ao chegar, vão organizando seu espaço de trabalho, enfeitando, conversando. Às 5 horas da manhã chega o pessoal que tem box cedido pela prefeitura, normalmente são os que servem o café da manhã aos recém-chegados. “É muito bonito ver o dia amanhecendo naquela agitação. Toda a gente se encontrando, conversando, alegres por mais um dia de ganhar a vida vendendo nossas coisas” (sic.), diz uma feirante.

Baseados no relato da feirante, podemos perceber que as relações estabelecidas entre os/as feirantes e seus fregueses na feira livre podem ser caracterizadas como um convívio diferenciado, movido pelo compartilhamento de afinidades dos indivíduos, entre si e com o lugar, este carregado de ideias, sentimentos e experiências que reproduzem, formam e perpetuam as redes de sociabilidade e os vínculos que as constituem e estruturam. Por isso, a feira livre também é caracterizada como uma trama de relações, contemplando, assim, vários elos — familiares, de amizade e culturais, convergindo-se num lugar de cotidiano e formação da sociedade miracemense.

O COTIDIANO DA MULHER FEIRANTE

Na feira de Miracema do Tocantins é possível observar a presença de mais de cinquenta mulheres trabalhando cotidianamente nesse espaço municipal, do comércio varejista. Pode-se dizer que as mulheres têm feito a diferença na feira, inserindo novas formas de exercer a comercialização, com novas estratégias, novas linguagens, novas formas de atrair os consumidores e fazer o sucesso de aquisição de seus produtos. As mulheres feirantes, em Miracema chegaram para fazer um novo cotidiano nas relações comerciais entre feirantes e consumidores na feira coberta.

Vista da perspectiva das condições socioeconômicas, familiar e pessoal, as feirantes evidenciam uma realidade configurada por mulheres que vivem com a família. São famílias formadas, em média, por seis pessoas, entre marido, esposa, filhos e netos, todos convivendo na mesma residência e com renda mensal em torno de R\$2.000,00 (dois mil reais), variando entre mais ou até menos, indo de acordo com o movimento da feira. No entanto, há de se admitir que esse valor total é proveniente de aposentadorias, salários de filhos e/ou filhas ou outro parente convivente, o que completa a renda da feira.

Essas famílias dificilmente têm seus direitos sociais básicos garantidos, pois a renda familiar não consegue custear todos os gastos necessários para o bem-estar de uma família. E essa privação de direitos e bens necessários a usufruir de uma vida social satisfatória está estampada na aparência e organização das moradias e no desempenho da mulher feirante como cidadã, na organização da sociedade civil.

Em moradias muito simples, com utensílios antigos e insuficientes para atender as necessárias atividades domésticas, observa-se a ausência de conforto e qualquer tipo de luxo ou sofisticação. Pobreza que está em par com a escolaridade das feirantes, haja vista que a maioria tem dificuldade de ler e escrever, assim como de fazer as quatro operações matemáticas que servem de base para quem trabalha com comercialização. Para além de nunca terem frequentado a escola ou para as poucas que dizem ter frequentado, observamos que jamais concluíram o ensino fundamental.

Não obstante às tantas dificuldades marcadas por deficitárias condições sociais de se viver, todas as feirantes se dizem estar satisfeitas com seu trabalho na feira. Trabalho esse, nunca exercido de forma solitária, pois sempre estão na companhia de familiares que as ajudam com as atividades necessárias, fato que evidencia vidas com relações familiares aparentemente cooperativas.

SABERES, FAZERES E EXPERIÊNCIAS PROTAGONIZADAS PELAS MULHERES FEIRANTES

Ainda que a feira coberta de Miracema do Tocantins conte com muitas mulheres atuando em seu cotidiano, poucas se dispuseram a comentar seu cotidiano de trabalho e de relações sociais vivenciadas na feira.

Observando e conversando com as feirantes sobre os motivos da recusa a contar suas experiências na feira, ficamos sabendo que se trata de mulheres muito simples, de pouca escolaridade e dificuldade de articular a linguagem clara e precisa. Situações que lhes causam timidez capaz de emudecê-las diante da realidade. E, a opção de permanecerem caladas lhes oferecem conforto, enquanto a atitude de expor suas ideias geram ansiedade e angústia, diante de suas dificuldades.

Somente as feirantes mais antigas, concordaram em conversar sobre seu cotidiano como feirante. Essas são as mais conhecidas, mais prestigiadas, notadamente aquelas que conseguiram galgar um nível de experiência respeitado e admirado não apenas dentro do ambiente da feira, mas igualmente pela sociedade. E das conversas temos depoimentos cheios de aprendizados e experiências excepcionais.

Do ponto de vista econômico, as feirantes valorizam a feira de Miracema como o local onde podem exercer a venda e a troca de mercadorias de modo a movimentar o comércio da cidade. Enquanto espaço de comércio as feirantes dizem que “a feira anima a cidade; a feira atrai as pessoas de diferentes localidades e faz o dinheiro circular dentro da cidade” (sic), mostrando a feira como um bem imaterial que agrega situações e relações econômico-culturais, como vimos no capítulo

anterior, considerando, também que “aqui (na feira) a oferta e procura de mercadorias diferenciadas facilita os ganhos de coisas materiais que se precisa” (sic), conforme diz a feirante, concluindo: “porque atrai fregueses aos feirantes” (sic).

Falando das relações sociais estabelecidas no comércio feito dentro da feira, a feirante salienta que nesse trabalho “quanto mais a gente aprende a agradar o freguês, mais amigos a gente ganha” (sic), “ganha amigos, ganha confiança e ganha dinheiro”, diz uma outra, já indicando a estreita relação entre o ato de comercializar e a realização de interações sociais, enquanto instrumento de desenvolvimento socioeconômico da sociedade, o que faz da feira uma das formas mais seguras e socialmente aceitas de comercialização, geração de renda e luta pela sobrevivência, principalmente para mulheres de pouca instrução, que a cada dia vêm os espaços de trabalho formal mais exigentes em termos de especializações e conhecimento.

Sobre os produtos comercializados na feira coberta de Miracema, apontam as feirantes que, embora “a feira seja um espaço relativamente pequeno, mas é o espaço que temos para vender nossas coisas, as coisas que produzimos ou as coisas que comercializamos mesmo” (sic), há uma diversificação muito variada dos produtos vendidos na feira. Essa diversidade é feita não apenas porque “muitos tipos de comerciante vêm vender aqui, mas para agradar todos os tipos de freguês” (sic.). E nessa diversidade a feira tem comércio de legumes, verduras, frutas, temperos, frango abatido, peixe, carne, lanches, artigos de supermercados, além de confecções, artesanatos, entre outros artigos vendidos. Trata-se de um comércio popular capaz de dinamizar a venda e compra de todos os tipos de mercadorias.

Segundo as feirantes, o fato de a feira acontecer em dois dias da semana — sábado (no alto) e domingo (na cidade baixa) — em locais estratégicos e de fácil acesso tanto para quem chega de transporte ou caminhando, “ela torna-se um centro comercial de grande importância para toda a população da cidade” (sic), reconhece outra feirante. Além do que, a forma como a feira está organizada facilita “para a gente beneficiar tanto os fregueses como os feirantes, quando precisam de comprar coisas com a gente” (sic).

“A arrumação da feira não é muito certa” (sic) diz uma feirante, mostrando que, para além dos feirantes que ocupam os boxes cedidos pela Prefeitura, os demais se organizam como podem dentro do espaço da feira. Desta forma, vemos bancas feitas de madeira e cobertas com lonas, que o próprio dono se encarrega de transportar até o local, assim como vemos, também, muitas bancas improvisadas, cuja estrutura é usada em um curto período e sua montagem e desmontagem devem ser facilitadas. Ao final da feira, as barracas são recolhidas e depositadas em locais apropriados, marcados pelas feirantes.

Todavia, a base do comércio na feira é constituída por feirantes e seus familiares, que dependem dessa atividade para sobreviver, de forma a fazer da feira um espaço de garantia de sustento e trabalho, principalmente quando há dependência deste meio de trabalho para sobrevivência ou para complementar a renda familiar. E, na medida em que esta forma de sustento familiar se torna imprescindível se produz também muito aprendizado, principalmente sobre o trabalho de feirante.

A criação dessa feira foi uma benção. Naquela época a gente fazia as coisas na fazenda, mas não tinha onde vender. A gente plantava, criava, tirava muito leite, fazia queijo, coalhada, manteiga. Fruta tinha demais, verdura, mandioca, inhame, tudo em quanto de comer, mas de que adiantava? Isso deixava a gente muito triste, parece que de nada valia tanto trabalho. Até que soubemos que a feira estava sendo criada. Então umas amigas me incentivaram a trazer meus produtos pra feira. Eu comecei a trazer. Isso já tem mais de vinte anos. De lá pra cá aprendi muito, aprendi a ser uma vendedora, aprendi a fazer cliente bom, fiz muitos clientes que fazem questão de comprar comigo (FEIRANTE Y, 2021).

Esse depoimento é uma representativa constatação de que a feira é um espaço não apenas de desenvolvimento socioeconômico, mas de formação social e profissional para quem nela trabalha, não apenas individualmente, mas de forma coletiva e associada, já que o local exerce influência em todos os envolvidos no ambiente da feira.

Porém, em que pese a força do movimento da feira, para o desenvolvimento socioeconômico da sociedade e das pessoas envolvidas, as feirantes demonstraram não ter o conhecimento necessário sobre os aspectos sócio-históricos, nem de

formação da feira, sua história, nem a história ou movimentos da cidade de Miracema. Fato que dificulta a realização do debate sobre o cotidiano das feirantes na sua totalidade.

As feirantes valorizam apenas o fato de terem o espaço de trabalhar pela sobrevivência. No mais, parecem absortas num cotidiano que as conduz para todas as atividades que se fazem necessárias, de forma imediata, sem perceberem as mediações das forças econômicas, ideológicas e até mesmo políticas que fez o governo municipal criar e gerenciar a feira. Desconhecem também papéis fundamentais da feira e sua influência na sociedade.

Não obstante, expressarem uma apreciação acrítica sobre a realidade social e pouco dominarem a explicação sobre os significados que o cotidiano pode se constituir na vida social da feirante, as mulheres da feira de Miracema do Tocantins têm uma percepção centrada no aspecto humanista que se desenvolve no interior da feira.

Compreendendo a feira como um lugar de encontro regular de pessoas que se necessitam, que se atraem pela necessidade de satisfazer suas demandas de consumo diário, elas falam com muito carinho e satisfação sobre este lugar.

É na feira que encontro as amigas, as pessoas que gostam das coisas que eu vendo. É na feira que eu converso muito, com muitas pessoas que a gente gosta. Conversamos muito sobre tudo que acontece na cidade. Conversamos sobre os problemas que as pessoas estão passando e acabamos vendo as formas de ajudar. Na feira a gente ajuda muito, ajuda muita gente. É na feira que corre a “rádio pião”, a gente fica sabendo de tudo, até de segredos que acontecem. É um lugar de alegria (FEIRANTE Z, 2021).

Para essa feirante a feira representa um lugar de encontros fundamentais para a continuidade de se sentir pertencente àquele lugar, não apenas como um ser participativo e colaborativo com o desenvolvimento econômico e social do município, mas também como um ser que está presente na cultura do lugar, que tem garantida de forma cotidiana sua convivência sociocultural.

Por outro lado, é neste espaço de possibilidades e trocas de mercadorias e informações necessárias entre a feirante e o cliente que se desenvolvem

importantes conversas, aquelas que fazem a história do município, garantindo uma aproximação que outros centros de compra não proporcionam.

Assim, as feirantes falam da proximidade, da descontração, da brincadeira, da representação da feira como uma boa festa. Uma festa, porque lá se expressam laços de amizade e afetividade, fazendo a referência deste local como um espaço de trabalho e comércio muito diferenciado e original, bastante apreciável para se frequentar.

Refletindo sobre as apreensões das feirantes sobre os significados da feira coberta de Miracema, fica notório que o cotidiano vivenciado neste espaço comercial vai muito além do aspecto econômico e especificamente sociocultural. Fica pautado que a feira é um espaço de construção de sociabilidade, um espaço comum de vida social.

Nesse sentido a feira não se configura apenas como o mercado onde tem oferta e procura de produtos, mas é também o lugar das relações de sociabilidade, dos saberes e dizeres, ou seja, um lugar sociocultural. No interior da feira-livre são tecidas relações de sociabilidades, pois indivíduos apropriam e utilizam o lugar manifestando interação com outros indivíduos ganhando assim uma configuração diferenciada. Para entender como a feira-livre ultrapassa a questão econômica e se torna um lugar voltado às questões mais humana, das relações do lugar do vivido. (JESUS; DAMERCÊ, 2016, p. 52).

De acordo com a autoras, a sociabilidade funciona como uma espécie de rede de relações. Uma rede que, na medida em que vai crescendo, vai tecendo e construindo “outras redes de relacionamentos que trasbordam as questões de vizinhança, parentesco, amigos Ela nasce espontaneamente e se apropria do espaço social onde se encontram por opção e possuem prazer em estabelecer relações uns com os outros”, comentam Jesus e Damarcê (2016, p. 53), o que leva a parecer que a sociabilidade é um processo associativo está estreitamente ligado ao laço de afetos, parentescos e identidade cultural, constituindo-se numa relação de indivíduos que se preestabelecem uns com os outros de maneira recíproca e consciente.

Essa predisposição da feira a ser um lugar de formação da sociabilidade, possibilita toda sorte de manifestações sociais capazes de se empreender nas relações sociais e humanas, demonstrando um ambiente caracterizado pelas relações de reciprocidade, cheia de significados que ultrapassam a função comercial a qual ela é destinada. Um dos significados pode ser observado na fala da feirante, quando conversado com ela sobre o seu ritmo de trabalho.

Eu moro na fazenda, mas venho todo sábado pra cidade, pra casa da minha filha. Lá eu durmo e no outro dia de madrugada vou pra feira. Comigo é assim, mas tem muitos que vem direto da zona rural para a feira. De madrugada, você vê muita gente chegando da zona rural na feira. Essa hora de chegada é muito bonito, todo mundo se encontrando, se falando, dá uma alegria, uma disposição muito boa de ver os companheiros, as pessoas, de saberem que estão bem, de saber que a gente pode contar com eles. Aqui tem uma senhora que só vende cheiro verde. Eu só compro com ela, porque gosto do jeito que ela planta, tem outra que faz tapete, e ela sempre me serve quando estou precisando de um, gosto do jeito que ela faz os tapetes. Então todo domingo eu já chego certo de ver essas amigas que me servem muito e que também compram comigo” (FEIRANTE X, 2021).

Essa é a forma de a feirante contar como ela vê a feira, quais os significados que esse espaço tem para ela. Também é uma prova de que a feira é um espaço de construção da sociabilidade. Jamais, apenas como um lugar de troca de mercadorias, a feira é um lugar de produção do cotidiano através de suas relações entre os diferentes sujeitos que vão fazendo, modificando e refazendo as rotinas desse espaço de trabalho e de convivência sociocultural.

Um espaço de ser e viver a diversidade, as interações cotidianas em constante movimento, haja vista que cada feirante, cada cliente ou cada visitante da feira traz para dentro dela os gestos que se fazem necessários para se comunicar, também as diferentes abordagens para fazer a comercialização, pois cada feirante tem seu jeito de vender, seu jeito de oferecer sua mercadoria, seu jeito de atrair seus clientes. Do mesmo jeito vemos os clientes, cada um com seu jeito de escolher, de comprar, de decidir como ele quer que lhe seja entregue a mercadoria. Toda essa teia de diálogo produz satisfação em estar na feira.

Percebe-se as relações de sociabilidade estabelecidas no ato da compra, pois é comum oferecer pedaços de produtos, tais como, melancia, abacaxi,

laranja ou unidades como uva, banana, os quais são degustados pelos fregueses. Trata-se de um costume presente nas barracas onde esses gêneros são comercializados. Esse é um diferencial encontrado na feira, o gosto sentido no ato da compra. Há os fregueses que apreciam os petiscos produzidos no espaço da feira: pastéis, churrasquinhos, beiju, bem como aqueles trazidos de casa: sucos, tortas, doce de calda, arroz doce, pamonhas. Esse momento de degustação representa uma parada para a conversa com um amigo ou conhecido. (JESUS; DAMERCÊ, 2016, p. 54).

As autoras concordam que a feira é um espaço de produção da sociabilidade vivenciada de modo cotidiano na vida da população da cidade. Vemos que isso é mostrado através do fato de servir como ambiente de se reproduzir costumes em relações sociais, que envolvem deleites e preferências em meio a trocas e comunicações diversas no ambiente da feira.

E, a partir das comunicações diversificadas por preferências, deleites e trabalho, os feirantes e clientes vão consolidando e reproduzindo as relações que permeiam e constituem o cotidiano da feira, fazendo deste lugar um espaço privilegiado de ser exercer vínculos sociais de representações socioeconômicas e socioculturais.

Afinal, o semanal e cotidiano encontro de amigos, consumidores, clientes preferidos e feirantes é mais um momento singular de se fazer a história da vida social de Miracema do Tocantins, através de produção de saberes, de experiências não apenas construtivas de sociabilidade e história de uma cidade, mas, sobretudo, de um movimento cotidiano de produção de estratégias, comportamentos, linguagens e rumores específicos daquele ambiente intensamente dinâmico e essencialmente humano. (JESUS; DAMERCÊ, 2016).

Ambiente onde os saberes de cuidado e conquista com o outro são gradualmente aprendidos e exercitados, conforme a necessidade e a vontade de a feirante melhorar o atendimento ao seu cliente.

Quando eu comecei não sabia tratar o cliente, não sabia vender, deixar o cliente alegre com a compra. Mas fui aprendendo com o tempo. Hoje eu adoro tratar bem meu cliente, minha cliente, adoro ver todo mundo que compra comigo muito satisfeito com os meus produtos, com a forma como a gente conversa e eu atendo eles. (FEIRANTE Y, 2021).

Com essa fala aprendemos que a feira também é um espaço de formação e de humanização dos sujeitos que nela trabalham e transitam cotidianamente. Mas, também, de construção de afetos, de respeito, de sedução e de cordialidade com o outro. Um espaço com objetivo, aparentemente, puramente econômico, tem possibilitado, historicamente, comportamentos construtivos de educação em direção à valorização do ser humano, marcada, simbolicamente pela relação de cumplicidade entre feirantes e consumidores. Um espaço que as mulheres feirantes de Miracema do Tocantins abriram para si não apenas como lugar de sobrevivência, mas, sobretudo, de vivências, de troca de saberes e fazeres na luta pela continuidade de sua existência e de sua família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao dar por terminada essa reflexão sobre o cotidiano e suas conexões com a vida social da mulher feirante em Miracema do Tocantins, um pequeno município do Estado do Tocantins, pode-se tecer três apreensões.

A primeira indica que ações extensionistas praticadas no ensino e articuladas à pesquisa, nas graduações, de acordo com o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, pode produzir conhecimentos e práxis nas suas várias dimensões. Este trabalho é uma constatação dessa perspectiva para a formação acadêmica e profissional dos assistentes sociais.

A segunda infere que a categoria cotidiano, vista sob a ótica da análise marxista crítico-dialética, se trata de um processo essencialmente sócio-histórico e sociocultural de organização da sociabilidade e da vida social das pessoas na sociedade burguesa. Trata-se de mais um molde de vida social organizado pelo modo de produção capitalista, para alienação e submissão da sociedade aos ditames sociopolíticos, ideopolíticos, socioeconômicos e socioculturais capitalistas.

Na feira livre, o cotidiano se faz como um movimento socioeconômico com aparência comercial de um mercado varejista que se desdobra em múltiplos aspectos de formação da realidade social concreta, passando a se constituir uma

teia de relações sociais, um espaço sociocultural, um espaço de construção de redes de sociabilidade e da história do local onde encontra-se radicada, como também de dominação político-ideológica.

A terceira apreensão conclui que essa dinâmica rica de associativismos e de produção humano social constituinte do cotidiano e do cotidiano da feira livre de Miracema do Tocantins é uma produção, também, da mulher feirante, pessoa aparentemente simples, mas ser social sujeito da própria história e do desenvolvimento social e econômico local.

Na feira municipal da pequena Miracema do Tocantins as mulheres fazem o desenvolvimento social da cidade. Mulheres que plantam, colhem, cozinham, costuram, fazem artesanatos variados, preparam lanches, cafezinho, mingau, sopa. Mulheres que comercializam produtos chamados de secos e molhados. Mulheres institucionalizadas pelo governo municipal que gerencia a feira livre, ambulantes mediadas pelo Estado, mas sem saber dessa verdade, na feira elas constroem sua realidade social concreta de condições materiais e subjetivas de vida, satisfação das necessidades básicas, renda para contribuir em mais da metade dos gastos da família e mais, autoestima e sentimento de realização em ser uma mulher que, através de seu trabalho produz a sua sobrevivência, e dos frequentadores da feira e à cidade em que vivem.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Maria do Carmo Brant. O conhecimento da vida cotidiana. In: PAULO NETTO, José; CARVALHO, Maria do Carmo Brant. **Cotidiano: Conhecimento e crítica**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.



ISSN N. 2595-7341

Vol. 5, N. 03, Set-Dez, 2022

JESUS, Danuzia Xavier de; Naiane Oliveira DAMERCÊ. **Feira e lugar**. Monografia (apresentada à Universidade do Estado da Bahia). Jacobina – BA, 2016.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. Tradução: Alcides João de Barros. São Paulo: Editora Ática S. A., 1991.

PAULO NETTO, José. Para a crítica da vida cotidiana. In: PAULO NETTO, José; CARVALHO, Maria do Carmo Brant. **Cotidiano: Conhecimento e crítica**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1996.